



GT 039. Feiras, mercados, capitais e potencialidades

Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM) - Coordenador/a,
Lídia Maria Pires Soares Cardel (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a

objetivo deste GT ? refletir sobre os processos produtivos, as dinâmicas interativas, as unidades familiares de produção da agricultura rural e urbana, bem como as especificidades de seus locais de mercado. Compreendemos que os procedimentos de produção, consumo e distribuição de alimentos dialogam com os aspectos da vida cotidiana voltados para os hábitos alimentares, para o saber/fazer na transformação dos alimentos, como também, para as diversas formas de trabalho humano na relação com a terra, com o bioma e com os bens da natureza. Neste sentido, entendemos que as estruturas conceituais que separavam as sociabilidades urbanas e rurais devem ser revistas para que novos constructos analíticos possam emergir. Em suma, esperamos estabelecer um diálogo objetivo e subjetivo que permeie os vários processos produtivos, de circulação e de consumo de bens e processos gerados pelo modo de produção familiar. Pretendemos, igualmente, agregar estudos que pensem novas opções e ferramentas teórico-metodológicas para refletir acerca das feiras como lugares de mercados variados em que muitos capitais circulam (econômico, cultural, político, de conhecimento e outros) e nos quais muitas dinâmicas se processam simultaneamente, fazendo deste um espaço repleto de significados e potencialidades.

Feiras livres: guardiãs de práticas de manejo da terra que desafiam os propósitos hegemônicos neoliberais

Autoria: Osmar Lúcio Custódio, Osmar Lúcio Custódio Janine Helfst Leicht Collaço

As Feiras Livres são, em sua maioria, estruturas urbanas destinadas à distribuição de alimentos produzidos no meio rural mediante um sistema produtivo denominado hortifrutigranjeiro. Em Goiânia, segundo relatos de antigos feirantes e consumidores, várias delas já funcionavam desde meados da década de 1940, a exemplo das feiras dos bairros pioneiros da capital. Razoavelmente, no decorrer dos anos, fruto da dinâmica urbana, houve um substancial aumento de seu número na cidade, ainda, a inclusão de outros segmentos de produtos, além dos alimentícios, e de novos horários de funcionamento. Neste artigo analisamos o comportamento das Feiras Livres da cidade de Goiânia, sob duas perspectivas. Pela primeira, analisamos bancas que comercializam produtos cujas práticas de manejo da terra ocorre de forma independente, ou seja, dissociadas da aglutinação que deu origem ao termo hortifrutigranjeiro. Desta forma, as bancas foram observadas distintamente, ou seja, aquelas que são organizadas conforme um layout semelhante aos dos supermercados e aqueles cujos produtos são dispostos aleatoriamente. Tal escolha decorreu de relatos de antigos feirantes que atribuíram como marco para as novas disposições o final da década de 1970, a partir da necessidade de competirem com o novo modelo de distribuição de alimentos implantado naquela ocasião. Defendemos que, ao aglutinar as três práticas históricas de manejo, a produção de alimentos ganhou, propositalmente, uma conotação industrial, pela qual as categorias tempo e espaço ganharam outra relevância frente ao modelo tradicional; ainda, que houve a sobreposição da capacidade tecnológica e de capital, frente às práticas da agricultura familiar. Em uma segunda perspectiva, nossas pesquisas em campo propiciaram identificar antigos feirantes que são também produtores rurais, além de produtores urbanos. Por elas, foram identificadas práticas de manejo tradicionais, além de produtos que já não fazem parte da cadeia de produção de alimentos para a cidade. Ainda, a possibilidade de compararmos a oferta de alimentos oferecidos a partir de mecanismos de mercados e a oferta e procura de alimentos bons, especialmente por outsiders, vindo à tona as maneiras pelas quais se entremeiam as formas de representação entre o campo e a cidade. Conclusivamente, nossas pesquisas nos propiciaram um



mapeamento preliminar de sistemas alimentares e suas formas de representação, segundo as lógicas presentes na produção do conhecimento, associados a um eixo cultural e amparados pelo eixo teórico das pesquisas da Antropologia em 'soberania alimentar'. Também, possibilitaram a verificação da importância dada pela produção de alimentos via 'agricultura familiar' e suas temporalidades, as quais deixadas de lado a partir do modelo agroindustrial.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

